

TeLiga

EDIÇÃO ESPECIAL



05/05/2024 A 07/06/2024 | REGISTRO HISTÓRICO DAS
AÇÕES REALIZADAS PELO CLUBE NOS DIAS SUBSEQUENTES
À MAIOR CATÁSTROFE CLIMÁTICA DO RIO GRANDE DO SUL.



UM LUGAR PARA
fazer amigos

Expediente

Textos

**República Agência de
Conteúdo**

Fotografia

**Brayan Martins
Murilo Numer**

Projeto Gráfico e Diagramação

Pauline Mariani

Supervisão

Karine Vivien

Diretoria da ASTTI | Gestão 2024 a 2026

Ivo Carlos Pinheiro

Presidente

Olicio Schwarzhaupt

Diretor financeiro

Claudio Juarez da Silva

Diretor patrimonial

Arthur Haubert

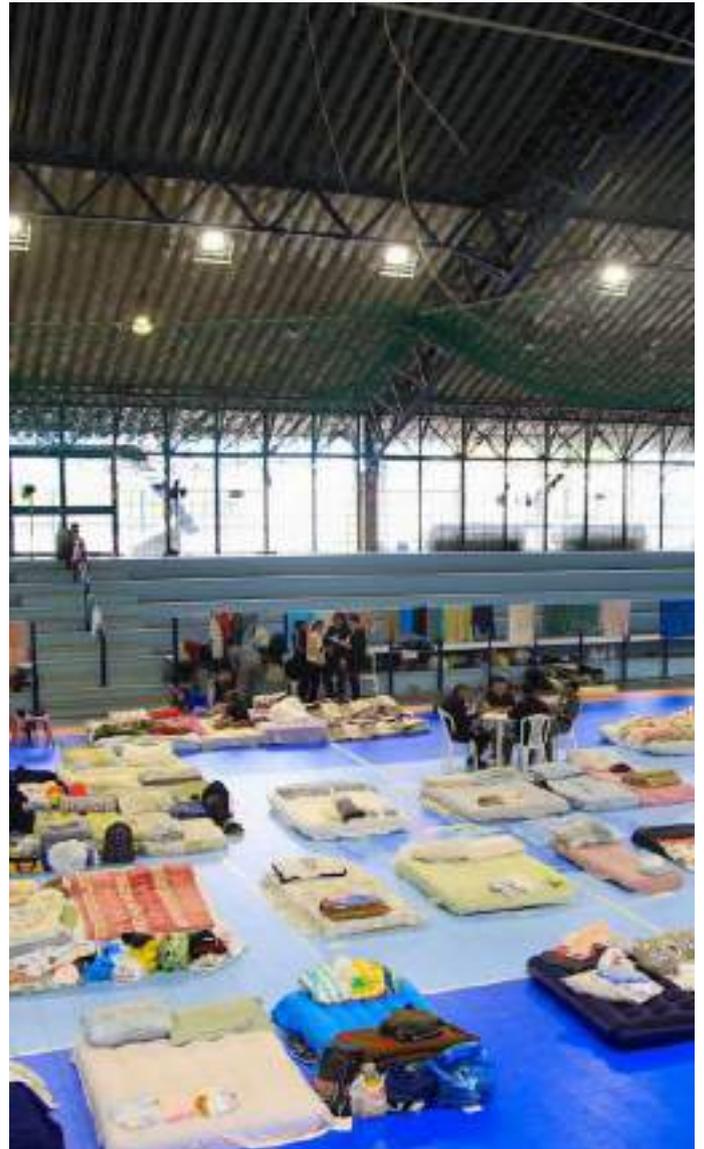
Diretor administrativo

Ingo Nornberg

Diretor de esportes

José Clovis Cardoso

Diretor social e cultural.



www.astti.com.br

astti@astti.com.br

instagram: [@astti_poa](https://www.instagram.com/astti_poa)

Beco Souza Costa, 750,
Jardim Ypu, Porto Alegre/RS

índice



6 **Palavra do Presidente**

8 **ASTTI: um oásis de esperança**

10 **Na triagem, o primeiro contato com uma nova realidade**

Setor| Triagem

15 **“Você pode me dar um abraço?”**

Setor| Saúde

18 **Cinco toneladas de comida e muito amor.**

Setor | Cozinha

21 **É preciso continuar lutando!**

Setor | Acolhimento

23 **Um lugar seguro para descansar**

Setor | Segurança

25 **Um lar limpo e aconchegante chamado ASTTI**

Setor | Ginásio

27 **Dia das Mães: amor e carinho compartilhados**

O Teliga de julho está diferente. Trata-se de um registro histórico das ações realizadas pelo Clube nos dias subsequentes à maior catástrofe climática do Rio Grande do Sul. Em um contexto marcado pelo espírito de solidariedade, a ASTTI foi refúgio e acolhimento para 133 pessoas. Crianças, jovens, adultos. Famílias inteiras. Conheça um pouco sobre a resiliência e o esforço incansável dos voluntários que fizeram toda a diferença. Porque afinal de contas, juntos, somos mais fortes!



Palavra do Presidente

Porto Alegre, 5 de maio de 2024 – As notícias sobre a catástrofe climática que assolaria grande parte do Rio Grande do Sul não eram nada boas. Naquela manhã, o nível do Guaíba havia atingido 5,33 metros, superando com folga a marca da grande enchente de 1941 – até então, a pior da história de Porto Alegre.

Pessoas desaparecidas. Bairros inteiros submersos. E muita, mas muita gente desabrigada. Era impossível não se comover com uma tragédia assim. Ainda mais quando ela acontece na cidade onde vivemos.

Em meio ao caos, é normal ficarmos sem reação. Mas, diante de tantas perdas e sofrimento, o que vimos e sentimos foi justamente o contrário: uma grande corrente de solidariedade e empatia logo se transformou em uma série de iniciativas para ajudar quem mais necessitava.

No domingo mesmo, quando a chuva deu uma trégua, convocamos uma reunião emergencial na sede da ASTTI. A ideia era estabelecer um plano para ajudar pessoas afetadas pela enchente. Prontamente, responderam os diretores Olício Schwarztzhaupt (Vice-Presidente Financeiro), José Clóvis Alvarez Cardoso (Vice-Presidente Social e Cultural), Ingo Grutzmann Nornberg (Vice-Presidente de Esporte e Lazer) e Cláudio Juarez da Silva (Vice-Presidente de Patrimônio). Além deles, os Associados Maicon Idalêncio, patrão do nosso DTG Chamada da Tradição, e Paulo Goulart, mais conhecido como Feijão, os professores Eduardo Dell Osbel e Marcelo Dutra, Thiago Phillip Pereira dos Santos e os funcionários Clênio Nascimento, Pauline Mariani, Karine Vivien, e Wagner Maciel de Jesus Corrêa.

Decidimos que a estrutura do Clube abrigaria um número limitado de pessoas, para garantir que todos recebessem condições dignas. O plano contava com receber pouco mais de uma centena de desabrigados, que chegariam a partir de terça-feira, dia 7 de maio.

As redes sociais serviram como uma poderosa ferramenta para divulgar a iniciativa e informar sobre a necessidade de doações. Para nossa surpresa, em poucos minutos após a primeira postagem a equipe começou a receber alimentos, agasalhos, colchões etc. No comecinho da noite, já havíamos arrecadados todos os insumos necessários para iniciar o acolhimento.

A partir daí, a rede de solidariedade só cresceu. Entre Associados e vizinhos da ASTTI, a quantidade de voluntários foi uma grata surpresa. Rapidamente, tínhamos mão de obra suficiente para ajudar em todas as áreas: cozinha, triagem de donativos, saúde, dormitórios.

Em toda a minha vida, eu nunca tinha visto tamanha mobilização. As pessoas se uniram com o simples propósito de ajudar e, graças a essa corrente humanitária, conseguimos contribuir – nem que seja com uma pequena parte – para reconstruir as vidas de dezenas de famílias.

Foi incrível observar a disposição e o cuidado dos voluntários para se organizarem, para fazerem com que cada setor funcionasse ordenadamente e de maneira tranquila. Contamos, inclusive, com o apoio de médicos, policiais e da Prefeitura de Porto Alegre.

Felizmente, recebemos uma quantidade generosa de doações, que foram repassadas tanto aos acolhidos quanto para familiares e amigos que também perderam tudo. Conseguimos até mesmo destinar parte dos insumos para outras entidades com menos recursos. Ao todo, recebemos 133 pessoas. Fizemos o possível para ajudá-las na difícil tarefa de retomar a vida depois da enchente. Fornecemos kits com roupas de cama, agasalhos, mantimentos, materiais de higiene e limpeza.

Além disso, a ASTTI acolheu a comunidade de todo o bairro Jardim Ypu, que, como a maior parte da cidade, ficou sem água por um longo período. Disponibilizamos duas torneiras para a população se abastecer, com distribuição gratuita, das 8h às 20h. Muitos Associados também vieram à sede para tomar banho e pegar água.

Foram dias difíceis, mas também de emoções positivas. Jamais vou esquecer o esforço de nossos voluntários em proporcionar um pouquinho de alegria àquelas pessoas – seja por meio de uma refeição quente, seja com uma brincadeira para as crianças que corriam pelas quadras do ginásio, que acabou transformado num grande dormitório.

Em nome da ASTTI, agradeço a todos que reservaram uma parcela de seu tempo para atuar no voluntariado. E também a quem nos ajudou com doações. Muito obrigado, pois vocês realmente fizeram a diferença!

Aos nossos Associados, que abriram mão do uso do Clube nesse período, agradecemos por entenderem estarmos diante de uma causa maior. Depois de todo trabalho de higienização da sede, retomamos as atividades sociais e esportivas da ASTTI, conscientes de que cumprimos com nossas obrigações como cidadãos, como seres humanos.

Estamos de portas abertas, esperando por todos vocês!

Ivo Pinheiro, presidente da ASTTI



ASTTI: um oásis de esperança



Em um gesto de empatia, a ASTTI abriu seus corações e braços para acolher vítimas da maior tragédia climática do Rio Grande do Sul. Dentro do ginásio poliesportivo, onde outrora ecoavam treinos e confraternizações, transcorreram histórias de coragem e resiliência ao longo de maio. No local, 133 pessoas encontraram um abrigo seguro, um refúgio. Acolhemos lares dos bairros Navegantes, Eldorado do Sul, Sarandi, Humaitá e Ilha dos Marinheiros.

No meio da adversidade, a ASTTI se tornou o lugar da compaixão, oferecendo mais do que apenas um teto e comida, atividades recreativas também alimentaram pessoas feridas emocionalmente. Cinema, palhaços, brinquedos, um espaço kids: tentamos amenizar esse momento da melhor forma possível.

Não apenas os desabrigados encontraram um porto seguro na ASTTI, mas também aqueles que se dispuseram a proteger e servir. A ASTTI acolheu socorristas – alguns vindos de outros estados – e lhes ofereceu banho quente para o descanso após as buscas e salvamentos.

Mais do que nunca, a ASTTI funcionou como um farol de esperança, uma promessa de que, mesmo nos momentos mais sombrios, o amor e a bondade prevalecem. Agradecemos a todos que fizeram parte de tudo isso!



Na triagem, o primeiro contato com uma nova realidade



“Foram jornadas exaustivas. Mas as noites sem dormir acabaram compensadas pela sensação gratificante de ver tantas vidas sendo amparadas.”





A declaração de Pauline Mariani, assessora de Comunicação e Marketing da ASTTI, resume bem o que os colaboradores sentiram assim que o trabalho de voluntariado começou. Afinal, quase que do dia para a noite, as dependências da Associação se transformaram num grande abrigo para receber moradores dos bairros Humaitá, Ilha dos Marinheiros, Navegantes e Sarandi – alguns dos mais prejudicados pelos alagamentos em Porto Alegre.

Mas como fazer as coisas funcionarem ordenadamente enquanto a cidade vivenciava o caos? Seria preciso definir a atribuição de cada um e traçar uma estratégia para atender a todas as demandas.



Um desafio que tivemos foi lidar com o grande número de voluntários. Era preciso atender todos com muita rapidez para direcioná-los aos seus ‘lugares’. E isso nós fizemos com louvor”, diz Pauline, que coordenou os trabalhos no abrigo improvisado.

O primeiro passo foi criar um setor de triagem, onde um grupo fazia o contato inicial com as famílias que chegavam. Também era o espaço reservado para receber as doações, que seriam distribuídas não só para quem se abrigasse no ginásio da ASTTI, mas também para pessoas que estavam em outros alojamentos. Mas, muito mais do que isso, foi ali que todos perceberam que o trabalho que estavam prestes a realizar impactaria suas vidas para sempre.

Conforme Karine Vivien, supervisora Comercial e de Comunicação da ASTTI, os primeiros dias no abrigo foram confusos, a ponto de ela nem sequer ter lembranças concretas daquele período. “Tudo acontecia ao mesmo tempo”, explica. Aos poucos, as coisas foram se ajustando e todos se viram imersos numa grande – e eficiente – corrente de solidariedade.



Ela diz ter ficado surpresa com a garra de tantos voluntários, muitos dos quais compareceram ao abrigo diariamente. “O cuidado e o zelo com a organização e o descarte das peças que não estavam em boas condições, e até mesmo a ajuda para lavar e costurar roupas que ainda podiam aquecer alguém, foram realmente incríveis. Era lindo de ver.”

Entre os que “batiam ponto” na ASTTI, estavam o engenheiro João Nunes e a esposa, a professora, bancária e secretária escolar aposentada Marília Severo Nunes. O casal não pensou duas vezes quando decidiu se juntar ao grupo de voluntários e assumir a coordenação da triagem.

“Foram mais de 30 dias de uma experiência que ficará na nossa memória. Ver que nosso trabalho poderia aliviar o sofrimento dessas pessoas foi muito gratificante”, afirma João, que integra o seletor grupo de sócios-fundadores da ASTTI.

Para Marília, ouvir as histórias de vida dos desabrigados que iam até o setor de triagem foi algo muito marcante. Enquanto ajudava a separar as peças por tamanho e gênero, ela conversou com muitas pessoas e percebeu o quão grave era a situação de cada uma. Quando os acolhidos recebiam peças ou roupas de cama para trocar, se preocupavam em guardá-las para quando fossem embora. “Eles tinham apego a tudo, pois não sabiam qual seria seu futuro fora dali”, conta, emocionada.

Trabalhar na ASTTI deixou recordações maravilhosas para Marília. “Doamos o que temos de mais importante, que é o nosso tempo. E foi ótimo passar algum tempo com pessoas que só víamos de passagem e que agora, pela convivência diária, conhecemos um pouco melhor. Sentimo-nos unidos por uma causa maior e motivados a trabalhar juntos.”

Funcionária do setor comercial de uma distribuidora de medicamentos e materiais médicos, Elaine Rosa também atuou na linha de frente desde o primeiro dia. “As enchentes causaram destruição e sofrimento para muitas famílias. Eu não poderia ficar em casa de braços cruzados sem fazer nada”, afirma. Além da triagem de roupas e materiais de higiene, ela ajudou no acolhimento das pessoas e na limpeza dos banheiros.

Segundo Elaine, foi um tempo de aprendizado sobre empatia, solidariedade e resiliência. “Essa experiência não só me permitiu fazer a diferença na vida de outras pessoas, como também mudou a minha própria vida. Foi algo que me fez refletir sobre a importância de estarmos sempre dispostos a ajudar o próximo”, reflete.





A corretora de seguros Lisiani Oliveira, Associada da ASTTI que também trabalhou na triagem de doativos, pensa parecido: “Convivemos com pessoas que perderam tudo. Procuramos ajudá-las nesse momento tão difícil e fazer com que tivessem pelo menos o básico na hora de ir embora”.

A despedida, aliás, também foi impactante. Pauline recorda que, ao deixarem o abrigo, as pessoas iam até a triagem escolher algumas peças para levar para casa. “Todos ganharam roupas com ‘etiqueta’, novas. Deixamos esse carinho para o final”, observa a funcionária da ASTTI, que considera a experiência extremamente positiva, tanto sob o aspecto pessoal quanto profissional.

“Me emociono lembrando do Dia das Mães, dos momentos de descontração em que conseguimos arrancar um sorriso deles. Disso tudo, saber dar valor a um banho, a uma cama quentinha, acolher e aceitar ser acolhido... Nosso abrigo se tornou um modelo de eficiência e solidariedade, elogiado por autoridades públicas. Esses reconhecimentos foram combustíveis para manter essa dedicação até o fim”, completa.

A colega Karine concorda. “Minha vida nunca mais será a mesma, assim como a de muitas pessoas. Uma lição que levo disso tudo é que ninguém é melhor do que ninguém. E quando menos esperamos, pessoas que sequer conhecemos podem fazer uma enorme diferença na vida de tantas outras.”



SETOR | SAÚDE

“Você pode me dar um abraço?”

Quando as primeiras famílias começaram a chegar, passaram por uma triagem na sala de dança da ASTTI – então transformada em sala da saúde. Naquele momento, aconteceu um episódio que ficará gravado para sempre na memória da psicóloga Lorena Diniz. Ao perguntar para uma senhora se estava precisando de alguma coisa, a voluntária recebeu a surpreendente resposta: “Preciso, sim. Você pode me dar um abraço?”.

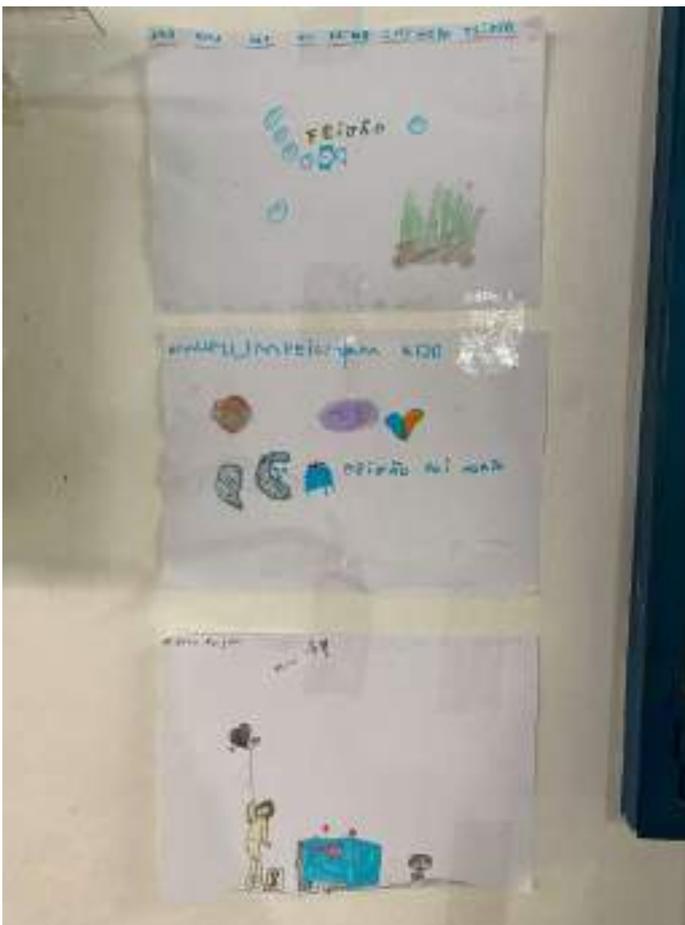
O pedido era tão singelo que desconcertou a voluntária. Diante dela, estava uma pessoa que havia perdido quase tudo. E, ainda assim, o que desejava era apenas um simples abraço.



“Esse abraço foi dado não só com meus braços, com calor humano, mas também com meus olhos que ficaram marejados de lágrimas”, diz Lorena, emocionada. “Vivi incontáveis momentos marcantes ali, mas esse foi o primeiro.”

Diferentes histórias de vida comoveram colaboradores e voluntários da ASTTI nesses dias de trabalho intenso. O volume de atendimentos exigiu que todos se organizassem em tempo recorde. Em um primeiro momento, os profissionais – assistentes sociais, enfermeiros, médicos, psicólogos e técnicos em enfermagem – se apresentaram. A partir daí, foi criada uma escala. Aos poucos, o grupo conseguiu reunir voluntários de outras diversas áreas, como terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas.

Uma força-tarefa foi criada para receber os desabrigados com dignidade. Primeiro, eles eram cadastrados e, em seguida, encaminhados para a sala de saúde, onde enfermeiros e técnicos verificavam os sinais vitais e os medicamentos necessários para cada um. “Dessa forma, conseguimos correr atrás do que era necessário e abastecer nossa farmácia”, explica Eduardo Dell Osbel, professor de Educação Física da ASTTI e também responsável pelo acolhimento. Após essa etapa, todos tinham acesso a um banho quente, roupas limpas e uma refeição nutritiva.



Além de organizar um sistema para prontuários, cadastros e medicamentos, era preciso aprender como lidar com o fator psicológico. Afinal, a calamidade havia impactado a todos, em menor ou maior grau. “Todos nós chegamos, em algum momento, ao nosso limite emocional e físico nesses 34 dias que trabalhamos de forma consecutiva e incessante. Apesar de saber que precisávamos descansar, a mente sempre acreditava que dava para fazer algo mais, e assim fomos, tentando achar um equilíbrio”, relembra Lorena. Ela atribui o sucesso do trabalho a duas lideranças, Talitha Raffo, enfermeira, e Luciane La-Rocca, coordenadora do Ambulatório de Atenção Primária e do Programa de Gestão da Saúde da AACRT/ASTTI, que conduziram diversas questões relativas a prontuários e cadastros.



A psicóloga diz que a experiência a marcou profundamente, superando “toda e qualquer situação de cuidado e até mesmo de dor” que já havia vivenciado. E que a sensação, após mais de um mês de trabalho, é de missão cumprida.

“É uma honra saber que a profissão que escolhi e minha disponibilidade tiveram algum impacto na vida de tanta gente. Tudo isso só foi possível porque ao meu lado estavam pessoas que admiro e que não mediram esforços para tudo ser feito: os voluntários da cozinha, do ginásio, da lavanderia, da saúde – enfim, todos! Foi uma honra servir aos abrigados ao lado de todos estes voluntários na ASTTI”, elogia Lorena.



Cinco toneladas de comida e muito amor.



Naquele domingo, Maicon Idalêncio acordou dizendo para si mesmo que precisava fazer algo para ajudar o povo gaúcho. Conhecido pelo seu papel como patrão do DTG Chamada da Tradição, Maicon desempenhou uma função fundamental como coordenador da cozinha no abrigo da ASTTI. “O que minhas retinas viram foi a esperança de que podemos ser melhores do que somos”, relata, realizado com o trabalho entregue durante 33 dias.

Eram quatro refeições por dia: café da manhã, almoço, café da tarde e jantar para cerca de 200 pessoas. Ao todo, foram mais de cinco toneladas de comida. Cada refeição foi servida com muito carinho e dedicação, servindo de alimento para o corpo e para a alma daqueles que mais precisavam.

Estar à frente do processo de acolhimento foi uma experiência impactante para Maicon. A equipe enfrentou a difícil tarefa de proporcionar um pouco de normalidade e empatia em meio ao caos.

As doações, o tempo dos voluntários e as palavras de incentivo foram integralmente dedicados às vítimas da enchente. “Eu tenho orgulho de fazer parte desse Clube que se mostrou ainda maior nesse período difícil para o nosso povo gaúcho. O lema da ASTTI, ‘um lugar para fazer amigos’, agora é ainda mais forte!”

Durante esse período tão desafiador, conforto e satisfação também foram encontrados nas refeições servidas. “Renato Engerroff e sua equipe da cozinha foram incansáveis. O nosso sincero agradecimento pelo excelente trabalho realizado. A atenção aos detalhes e a qualidade das refeições fizeram toda a diferença. Era possível sentir amor em cada alimento preparado”, lembra Maicon.

Quando encerraram as atividades da cozinha na quinta-feira à noite do dia 06 de junho, ficou claro que a peleja continuaria, e o compromisso com as famílias gaúchas permanece firme. “A luta é muito grande e vamos continuar assistindo a quem precisa”, afirma ele.

O esforço foi imenso e o espírito de solidariedade prevaleceu em cada chama acesa.





É preciso continuar lutando!



Eram 14 horas do dia 5 de maio quando foi tomada a decisão de transformar o ginásio da ASTTI num abrigo. Imediatamente, uma mobilização gigantesca começou a se formar através das redes sociais. Associados e não Associados, movidos por um desejo profundo de ajudar, começaram a chegar ao Clube, trazendo doações de todos os tipos. Colchões, cobertores, roupas e muitos outros itens essenciais começaram a encher o espaço. Menos de cinco horas depois, as camas já estavam arrumadas no abrigo, prontas para receber os resgatados. "O estacionamento rapidamente ficou lotado de doações. Foi incrível", conta Marcelo Dutra, educador físico e um dos responsáveis pelo acolhimento no abrigo.

Marcelo teve a importante tarefa de buscar, junto aos resgatistas, as pessoas que seriam acolhidas. Naquela madrugada, às 3h, caminhões do Exército trouxeram as primeiras famílias até a ASTTI.

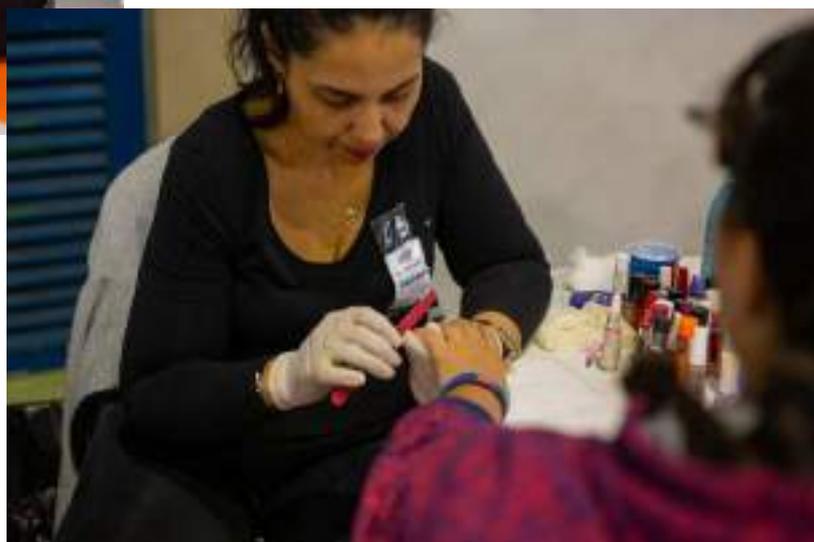
Uma força-tarefa foi criada para receber os desabrigados com dignidade e cuidado. Primeiro, acontecia o cadastro. Em seguida, eram encaminhados para a sala de saúde, onde recebiam uma consulta médica. Enfermeiros e técnicos verificavam os sinais vitais e os medicamentos necessários. Após essa etapa, todos tinham acesso a um banho quente, roupas limpas e uma refeição nutritiva.

Com o passar dos dias, o abrigo passou a oferecer também apoio terapêutico através de psicólogos voluntários. As doações de vestimentas permitiram que os resgatados começassem a reconstruir seus guarda-roupas, um passo importante para a recuperação da autoestima e dignidade.

“Vivemos muitos momentos especiais nestes 33 dias”, conta o professor Eduardo Dell Osbel, também responsável pelo acolhimento. Ele conta que, numa manhã recebeu um grupo que veio de uma pensão no bairro Floresta e estava há cinco dias sem água.



“Aqui, eles tiveram banho quente, comida quente, pela primeira vez após vários dias. Foi uma emoção muito grande”, diz ele. Muitas histórias de vida foram compartilhadas no abrigo.



Para Eduardo, o momento mais impactante foi quando algumas famílias estavam deixando o abrigo para retornar à Ilha das Flores. Ele estava ao lado de um policial quando um menino abrigado chegou. O jovem agradeceu, se despediu e disse que era necessário continuar lutando. Quando se afastou, Eduardo olhou para o policial e percebeu que o profissional de segurança pública estava chorando.

Em meio a crianças, adolescentes, mães e pais, entre brincadeiras, conversas e apoio mútuo, a ASTTI se transformou num verdadeiro lar temporário. Ali, a esperança e a solidariedade floresceram, trazendo conforto e um novo sentido de comunidade para todos os que estavam presentes.



SETOR | SEGURANÇA

Um lugar seguro para descansar

O esforço incansável dos voluntários aconteceu também na área de segurança. Clênio Nascimento e Wagner Maciel de Jesus Corrêa estiveram à frente da coordenação da equipe de segurança.

O grupo organizou plantões para que, mesmo durante a noite, a segurança fosse garantida. Além disso, pessoas ligadas a órgãos de segurança pública também auxiliaram. Após dez dias, a prefeitura passou a fornecer segurança através de um contrato emergencial.

Wagner destacou que o maior desafio foi a falta de experiência. Mesmo assim, os voluntários mantiveram a vigilância e organização. Clenio disse que todo o esforço valeu a pena: “trabalhei nesse tempo com foco que tudo iria ficar bem e que tudo iria voltar a ser como antes. Corremos muito, mas não ficávamos cansados”.

Patrick Nascimento é policial penal e estava de férias durante o período. Acolhido no abrigo por algumas noites, decidiu usar seu conhecimento profissional e somar forças na equipe de segurança e resgate. “Quando voltava dos resgates, ficava no abrigo para cuidar da vigilância”, diz Patrick. “Tudo que passamos nos deixa ansiosos e pensativos, mas foi mágico perceber que existem muitas pessoas boas dispostas a ajudar. Existe muita esperança no mundo!”.

Instituições públicas como a Brigada Militar, Polícia Civil, Guarda Municipal, entre outros, também passaram no abrigo com frequência para garantir e reforçar a segurança. A partir de 14 de maio, a BM cedeu dois policiais militares que participaram de plantões na ASTTI, de terça a sábado, das 9h às 18h. A colaboração de todos garantiu um ambiente seguro de acolhimento para os abrigados.





SETOR | GINÁSIO

Um lar limpo e aconchegante chamado ASTTI



Tudo começou pela limpeza do espaço e a organização para receber os abrigados.

Enquanto o ginásio se transformava em abrigo, laços de amizade se criavam. Paulo Goulart, mais conhecido como Feijão, foi designado como coordenador do ginásio. Era ele o responsável por checar se tudo estava em ordem. Assim, se criou um ambiente bem cuidado, limpo e acolhedor, que foi o lugar seguro para muitas famílias gaúchas.

Com as famílias estabelecidas no espaço, formou-se um vínculo de confiança entre voluntários e abrigados. Os abrigados, então, se dispuseram a participar das tarefas de limpeza. Foi criado um quadro para organizar os horários de limpeza em cada área do ginásio. Com o empenho e envolvimento de todos, o senso de comunidade tornou o ginásio em um lar temporário.



Através de doações, uma lavanderia também tomou forma no abrigo. Cada família separava suas roupas, que eram etiquetadas e identificadas para nada se perder.

A colaboração entre todos foi fundamental. Os abrigados não só participaram das tarefas diárias, mas também criaram uma rede de apoio. A rotina diária incluía a limpeza do ginásio, dos banheiros e das áreas comuns. Cada ato de solidariedade reforçava o espírito comunitário e criava um raio de esperança em meio às adversidades.

A união entre voluntários e abrigados mostrou que, mesmo em tempos difíceis, é possível criar laços fortes e superar desafios juntos.

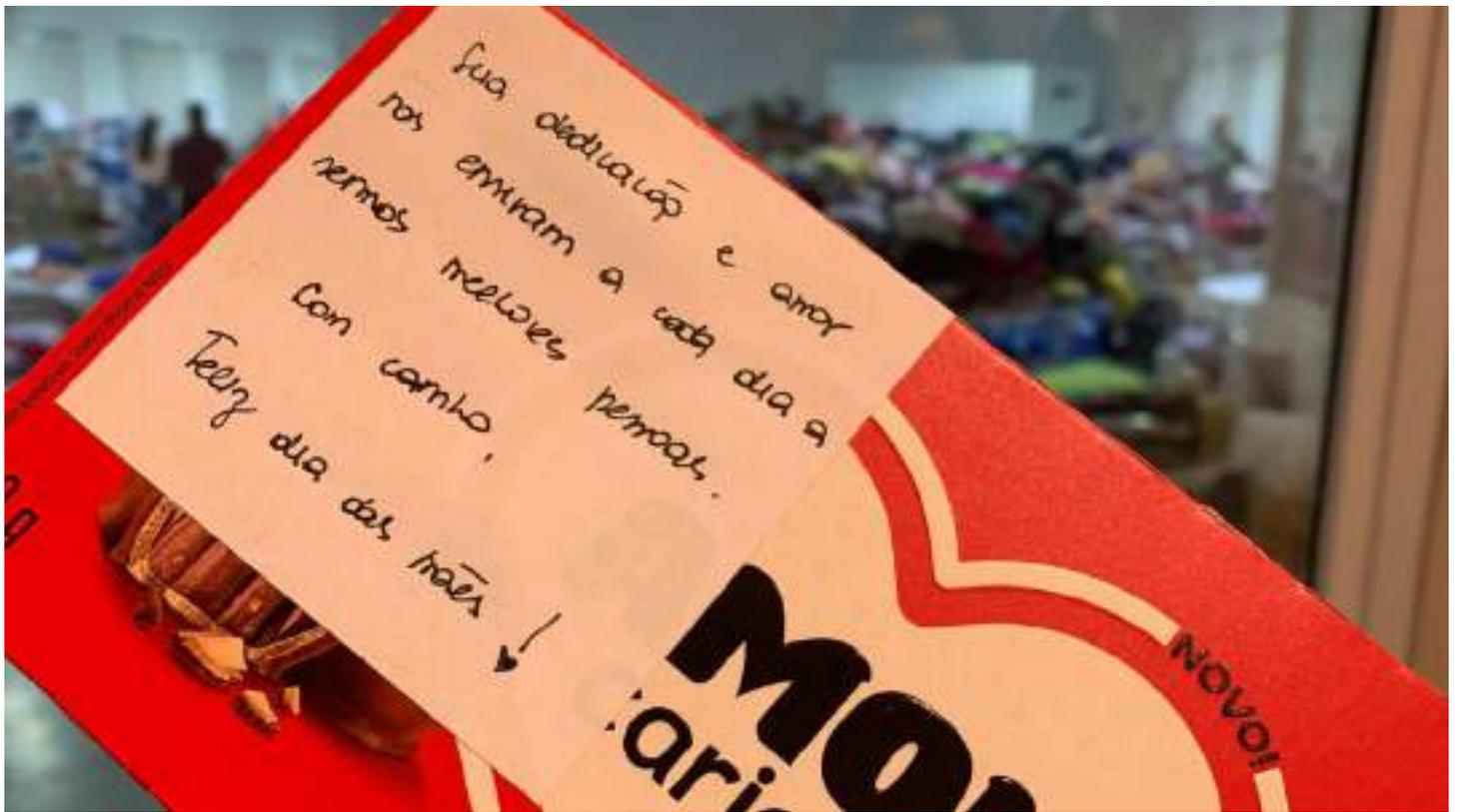


DIA ESPECIAL NO ABRIGO

Dia das Mães: amor e carinho compartilhados



A comemoração do Dia das Mães também fez parte da onda de solidariedade da ASTTI !



Ao acolher as vítimas da tragédia climática, o Clube se tornou o lar temporário de muitas mães. E essa data não poderia passar em branco para elas.

Uma incansável equipe de voluntários organizou uma programação especial no dia 11 de maio. Pela manhã, foram oferecidos serviços de manicure, maquiagem e corte de cabelo. À tarde, a atração ficou por conta das sessões de massoterapia. A ASTTI também ofereceu um almoço em homenagem às mães, que ganharam flores, chocolates e kits com itens de beleza.

A iniciativa trouxe alento a dezenas de mulheres, que demonstraram resiliência diante de tantas dificuldades. É o caso da diarista Queila Soares. Ela e o marido, Paulo, tiveram que deixar a casa, no bairro Sarandi, às pressas. “Meus filhos estão aqui. Então, me sinto em paz”, disse ela, enquanto Maria Lavínia (6 anos) e Moisés (3) brincavam no ginásio. “É só o que eu poderia querer nesse Dia das Mães.”

Cunhada e vizinha de Queila, a técnica em enfermagem Aline Lino Soares também encontrou na ASTTI um porto seguro em meio à calamidade. Mãe de Larissa (18), Maria Sofia (9) e João Pedro (6), ela não poupou elogios à assistência recebida na ASTTI. E confessa: tudo que vivenciou a fez recuperar a fé na humanidade.

“Eu estava um pouco desacreditada no ser humano. Com tudo o que aconteceu, comecei a ver que ainda temos jeito. Esses dias foram de muito amor e carinho”, afirmou Aline. Seus pais, Antero e Maria, também ficaram alojados no clube.





ASTTI UM LUGAR PARA
fazer amigos

 51 99579-6566  @astti_poa  /asttipoa

 Rua Beco Souza Costa 750 - Jardim Ypu

 astti@astti.com.br  <http://www.astti.com.br>